

**O FÓRUM DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO ESPÍRITO SANTO:  
EXPERIÊNCIA FORJADA NA FORMAÇÃO E NAS PRÁTICAS DE  
RESISTÊNCIA**

5	<b>Nome do primeiro autor</b> Titulação/Instituição E-mail do primeiro_autor@ ____.	<b>Nome do segundo autor</b> Titulação /Instituição E-mail do segundo_autor@ ____.
10	<b>Nome do terceiro autor</b> Titulação/Instituição E-mail do primeiro_autor@ ____.	<b>Nome do quarto autor</b> Titulação /Instituição E-mail do segundo_autor@ ____.

**RESUMO**

15 Nos últimos anos, o Fórum de Educação de Jovens e Adultos, enquanto movimento social, vem se constituindo como um *locus* de debate, diálogo e acompanhamento das políticas de EJA em nível nacional, regional e estadual. Reconhecendo a importância desse espaço na proposição e definição de novos rumos para a EJA, nos propomos a

20 Jovens e Adultos do Espírito Santo e os seus desdobramentos que tornaram possível a nossa ação mediada pela reflexão.

**Palavras-chave:** Fórum de EJA. Experiência. Resistência

**ABSTRACT**

25 In recent years, The Forum of Youth and Adults Education, whilst social movement, is becoming a *locus* of debate, dialogue and monitoring of its policies at the national, regional and state level. Recognizing the importance of this area in proposing and setting new directions for Youth and Adult Education, we propound to narrate our experience forged in the formation process of this Forum in Espírito Santo and its developments, which allowed our action mediated by reflection.

30 **Key Words:** Forum of Youth And Adults Education, Experience, Endurance

## Introdução

A escrita desse artigo nos instiga a *escavar*, nos itinerários da nossa formação, os  
35 elementos que foram nos constituindo profissionais da Educação de Jovens e Adultos  
(EJA) e na busca por esses elementos que, se estabeleceram como marcos em nosso  
percurso formativo, está a nossa inserção no Fórum de Educação de Jovens e Adultos  
do Espírito Santo (FEJA/ES). O movimento que pretendemos fazer nesse texto é o de  
40 *narrar* essa experiência formativa, dentro do FEJA/ES, explicitando a potencialidade  
que tem a inserção em um movimento social, na formação inicial e continuada dos  
profissionais da educação.

Tomando a narrativa como uma ferramenta metodológica, buscamos significar o nosso  
percurso formativo a partir dos processos experienciados, para assim tecermos as nossas  
considerações por um viés que evidencia essa trajetória como um processo ontológico,  
45 no qual explicitamos o nosso itinerário de formação compreendendo que, embora  
parcialmente, somos constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós  
mesmos acerca das experiências que vamos tendo.

Dessa forma, ao narrar a nossa ação, mediada pela reflexão, falamos da nossa  
constituição enquanto profissionais da educação de jovens e adultos, atravessadas pelas  
50 experiências vivenciadas no movimento do fórum de educação de jovens e adultos.

Na tessitura desse texto, mediado pelas nossas narrativas, buscamos os conceitos de  
experiência de Walter Benjamin (1994) e o de resistência em Giroux (1986) para  
dialogar com os elementos dos nossos itinerários formativos.

## 55 **Trajetórias e inquietações que provocam deslocamentos**

Os cursos que visam à formação inicial de educadores das Universidades Federais não  
viabilizam em seus currículos uma formação mais ampliada, capaz de nos preparar para  
todas as questões inerentes à educação de jovens e adultos, sejam elas de ordem  
metodológica ou de ordem político-social e econômicas, que perpassam a educação. A  
60 EJA, com sua trajetória histórica de exclusão das políticas públicas, experimenta

também, nos cursos de licenciatura, um silenciamento em relação as suas especificidades no contexto da educação brasileira.

Na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a temática da EJA não é abordada em grande parte dos currículos das licenciaturas. O currículo do curso de pedagogia, 65 aprovado em 1995, embora previsse uma habilitação em EJA, essa foi ofertada precariamente durante um curto período, alegando a falta de recursos humanos. Com a modificação no currículo do curso de pedagogia, em 2007, apenas uma disciplina, *Movimentos Sociais e Educação de Jovens e Adultos*, com carga horária de 60 horas se propõe discutir a temática. Oliveira (2005) faz uma contundente análise sobre as 70 invisibilidades da EJA na universidade, ressaltando que ela só se constitui a partir de um não-lugar, dentro desse espaço, por meio de táticas mobilizadoras de resistência

Inspirada em Michel de Certeau utilizo aqui a expressão táticas mobilizadoras de resistência no sentido de que a trajetória do “não-lugar” da EJA dentro da universidade, a meu ver, guarda semelhança com a análise desse autor. Para ele, o não-lugar permite à tática, como arte do fraco, mobilidade. Requer o uso da vigilância para ocupar os espaços produzidos pelas falhas no campo que lhe é imposto. “[...] Cria surpresas, consegue estar onde ninguém espera” (CERTEAU *apud* OLIVEIRA, 2005, p. 24). 75

Diante dessa problemática, uma das possibilidades de se ter uma formação específica como educador da EJA é inserir-se em espaços que possibilitem ampliar a discussão no 80 âmbito dessa modalidade. Nesse sentido, nosso encontro com a EJA, para além de nossas experiências pessoais, deu-se por meio da nossa inserção no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEJA), do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde encontramos outros, que se constituíram como itinerários 85 de formação, dentre eles o FEJA/ES.

A nossa aproximação e opção por trilhar na caminhada da EJA vem da luta contra a exclusão dos jovens e adultos, analfabetos e não escolarizados, nas políticas educacionais. O silenciamento a que foi submetida a EJA nos moveu e nos impulsionou à participação nos espaços de diálogo, como o FEJA/ES, onde tivemos oportunidade de 90 compartilhar e construir nosso percurso formativo. Nos encontramos na defesa do direito à educação, na perspectiva do reconhecimento da dívida social, com oferta adequada, respeitando as especificidades dos sujeitos da EJA, tal qual preceitua a

Constituição Federal de 1988, a Lei nº 9394/96 e os documentos legais posteriores que tratam da modalidade<sup>1</sup>.

95 Assumimos como princípio, nesse nosso percurso, a necessidade de pensar a EJA numa perspectiva de ação transformadora, que implica em considerar as pequenas conquistas e os avanços na legislação não como “outorga do Estado, mas como representativos de forças sociais, organizadas para a garantia de direitos” (PAIVA, 1999, p. 89).

### 100 **O Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Espírito Santo: espaço de formação na/pela ação de lutas coletivas e processos de resistência**

Os Fóruns de Educação de Jovens e Adultos se constituem em espaços de contraponto às políticas públicas dos últimos anos. Apontam perspectivas de resistência e tornam-se capazes de interferir, em muitos casos, nas políticas locais, surgindo num contexto de  
105 mobilização, desencadeado por iniciativas de ordem mundial, nacional, regional e local.

A partir da Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtien na Tailândia, em 1990, o Brasil assumiu compromisso, como signatário, para a universalização da educação básica. Como resultado tivemos o Plano Decenal de Educação, em 1993, submetido à discussão pela sociedade brasileira e enriquecido pelas consultas à  
110 comunidade educacional. Em 1994, foi criada a Comissão Nacional de Educação de Jovens e Adultos que passou a ser a principal articuladora das discussões e fiscalizadora dos compromissos de agenda assumidos pelo Brasil com a comunidade internacional.

Em 1996, realizou-se em Brasília, a Conferência Regional, preparatória para a V Conferência Internacional de Educação de Adultos (V CONFINTEA), realizada em  
115 Hamburgo, na Alemanha, em 1997. Esse movimento promovido pelo Ministério da Educação (MEC), caracterizou-se por uma ampla mobilização nacional que envolveu todos os segmentos ligados à EJA. Um dos objetivos dessa mobilização foi apresentar, por meio de documentos produzidos, subsídios para a construção de uma política nacional de EJA.

---

<sup>1</sup> Parecer CNE/CEB 11/2000 e Resolução 01/2000 que estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos; Parecer CNE/CEB 06/2010 e Resolução CNE/CEB 03/2010 que instituem Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

120 Articulado com o movimento nacional, o Fórum do Rio de Janeiro, foi o primeiro a se  
constituir e apoiou outros fóruns da região como Minas Gerais, Espírito Santo e São  
Paulo. Atualmente o Fórum de EJA está organizado em todos os estados brasileiros e no  
Distrito Federal, e se identificam pela busca constante da garantia do direito à educação  
de jovens e adultos, em espaços de interlocução com entidades públicas, privadas,  
125 governamentais e não governamentais (PAIVA, 2006). Inicialmente se caracterizaram  
pela diversidade de formas de organização e funcionamento, onde as especificidades  
locais delinearão seus objetivos, suas metas, sua capacidade de mobilização de  
intervenção e interlocução.

130 A iniciativa dos fóruns, ao tensionar e pautar o poder público na garantia de  
sua participação em espaço formal de diálogo, demonstra que, ao exercitarem  
o princípio *democrático*, buscavam não só ampliar a participação do  
movimento na arena política, como também a representação na democracia  
formal, passando a integrar o conjunto de representantes da sociedade que  
135 praticam o direito de participação política e a co-gestão das políticas  
públicas, nos espaços formais. (DANTAS, 2010, p. 81)

O FEJA/ES, embora articulado com o movimento nacional, surgiu como um projeto de  
extensão, na Universidade Federal do Espírito Santo, e no seu percurso, reuniu vários  
segmentos: Delegacia do Ministério da Educação, Secretaria Estadual de Educação,  
Secretarias Municipais de Educação, Universidade, Organizações não governamentais,  
140 empresas, estudantes, profissionais de EJA, Centros de Estudos de Educação de Jovens  
e Adultos, União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME),  
Movimentos Sociais, Ifes - Campus de Vitória, Ação Comunitária do Espírito Santo,  
Associação dos Educadores Cristãos, Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública  
do Espírito Santo, dentre outros.

145 Na sua origem, em dezembro de 1998, o FEJA/ES se constituiu como espaço de  
discussão das políticas nos contextos local e nacional. Entretanto, ao longo do tempo foi  
se conformando mais como um espaço de formação, intercâmbio de experiências,  
discussão política e de encaminhamentos de ações efetivas, na defesa e na valorização  
da EJA junto às instâncias públicas, sendo reconhecido pelo Governo Federal como  
150 espaço de elaboração, consolidação e avanço das políticas públicas de direito à  
educação de jovens e adultos. (PAIVA, 2006)

Fortalecidos pelo crescimento do movimento do Fórum, educadores, educandos, gestores, sindicatos e movimentos sociais conformaram-se num importante grupo de discussão e acompanhamento das proposições políticas para a EJA na intenção de demandar do poder público uma maior participação na interlocução para fomento de novas ações políticas para o segmento.

Esses novos sujeitos coletivos passaram a pautar, modificar e interferir nas agendas políticas, promovendo embates que têm, no diálogo, forte identificação. Esta afirmação é verificada pelos constantes chamados que os fóruns tem recebido pelo poder público para tratar da condução e execução das políticas de EJA, ou seja, pelo reconhecimento dos Fóruns como interlocutores legítimos das instâncias ministeriais, no atual momento histórico. E, sobretudo, pelas conquistas e avanços que podem ser verificadas em fatos que envolveram os rumos das políticas de EJA, principalmente em âmbito nacional. (DANTAS, 2009, p. 6)

Nesse contexto, o Fórum se constitui enquanto um espaço marcado pela reflexão da política de EJA e pela interação entre os diferentes segmentos que o compõe. Essa pluralidade de sujeitos, com trajetórias diferentes, unem-se em um só objetivo: acompanhar, discutir e interferir nas políticas pensadas para a EJA. Nesse movimento, nos implicamos na ação que busca romper com o isolamento e a impotência na qual estávamos submetidos, conquistando a autonomia e a identidade, reaprendendo a aprender, a determinar nosso perfil, percurso e destino. (OLIVEIRA *et al.* 1980).

Partindo dessa ideia, entendemos que o FEJA/ES caracteriza-se como um movimento social em que os sujeitos se educam pela ação que busca transformar a realidade educacional, na qual estão envolvidos.

Os movimentos sociais, enquanto contexto onde o povo se educa na e pela ação transformadora da realidade, afirma a possibilidade de uma outra educação. Uma outra educação que só se tornará viável em larga escala quando a experiência cotidiana de cada comunidade ou de cada grupo social – em seu trabalho, seu lazer, sua relação com o meio ambiente e com os outros – se transformar em fonte de desafio, de questionamento, de criatividade, de participação e, portanto de conhecimento. Uma outra educação que não seja mais o monopólio da instituição escolar e de seus professores, mas sim uma atividade permanente, assumida por todos os membros de cada comunidade e ligada a todas as dimensões da vida cotidiana de seus membros. (OLIVEIRA *et al.*, 1980, p. 126)

Afirmamos o FEJA/ES como movimento social comungando com a perspectiva apresentada por Gohn (2011) de que são “ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam formas distintas da população se organizar e expressar

190 suas demandas” (p. 335), com o papel de analisar a realidade social, fomentar novas propostas e de construir “novas ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social”, produzindo nos sujeitos envolvidos “o sentimento de pertencimento social” (p.336) e trazendo para o debate coletivo demandas excluídas ou tratadas na marginalidade, como é o caso da EJA.

195 Esse debate ganha vida na dinamicidade do nosso percurso no FEJA/ES, principalmente quando nos empoderamos dos saberes teóricos e práticos, construídos na/pela experiência, e envidamos esforços, para dialogar com os propositores e executores das políticas educacionais. Por meio desse diálogo, mediado pela defesa do direito à  
 200 educação de jovens e adultos, divergimos, tensionamos, construímos estratégias e buscamos interferir nos rumos da política para provocar (des) caminhos na constituição e implementação nas políticas de EJA.

205 Para a constituição do direito, a proposta dos fóruns estende-se da interlocução com agentes e dirigentes estatais, formuladores e executores de políticas, programas e projetos à intervenção direta nas políticas públicas, educação de jovens e adultos de âmbito local, regional ou nacional. O exercício da democracia segue como desafio para a convivência e o diálogo entre atores tão diversos, com missões e objetivos às vezes até mesmo conflitantes, que demandam a escuta, a possibilidade de divergir, de tensionar idéias, negociar e construir saídas e alternativas pactuadas por todos.  
 210 (PAIVA, 2006 p. 531)

Para fundamentar a nossa ação de resistência no movimento do FEJA/ES, dialogamos com Giroux (1986) que assume essa categoria enquanto negação de processos de dominação ideológica da estrutura dominante e busca numa ação dialética modificar a realidade social, considerando que nada é estático, mas que está em constante  
 215 transformação por meio da ação de lutas coletivas.

Nessa lógica, educadores, educandos e pesquisadores se constituem enquanto “homens e mulheres que podem produzir e experienciar, subjetivamente as formas sociais e culturais que lhes permitirão criar um discurso e um conjunto de relações sociais nos quais a base para formas de comunidade possam emergir” (p. 11-12). Partimos da  
 220 premissa do autor de que a resistência nos impulsiona à mudança,

No sentido mais geral, acho que a resistência tem que ser situada em uma perspectiva ou racionalidade que leve em conta a noção de emancipação como seu interesse norteador. [...] Assim, seria central à análise de qualquer ato de resistência uma preocupação com descobrir o grau em que ela fala de

225 uma forma de recusa que enfatiza, seja implícita, seja explicitamente, a  
 necessidade de se lutar contra o nexus social de dominação e submissão. Em  
 outras palavras, a resistência deve ter função reveladora, que contenha uma  
 crítica da dominação e forneça oportunidades teóricas para a auto reflexão e  
 230 para a luta de interesse da auto-emancipação e da emancipação social. (1986,  
 p. 147 e 148)

Entendemos que nosso percurso e os sentidos que a experiência de formação no  
 FEJA/ES produziram em nós, aproximaram- nos desse conceito de resistência, trazido  
 por Giroux (*idem*), na perspectiva em que identificamos esse espaço como dinâmico,  
 instigador de mudanças e comprometido com as políticas educacionais. Imbuídos nesse  
 235 processo de resistência e mediados pela reflexão e auto-reflexão, travamos lutas que  
 buscam romper com a determinação política, econômica, social e cultural, produzida  
 pela sociedade opressora e abrimos caminhos para novas possibilidades construídas  
 coletivamente.

#### 240 **Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Espírito Santo: as marcas da experiência no processo de formação**

Quando lançamos o nosso olhar sobre o itinerário de formação que vivenciamos,  
 ousamos dizer que a nossa inserção em diferentes espaços, dentre eles, o FEJA/ES, nos  
 possibilitou experimentar um processo de formação mais amplo em contraposição a um  
 modelo normativo com ideias prescritas, que, muitas vezes, inviabilizam qualquer  
 245 possibilidade de experimentar outros trajetos de formação, que não aquelas previstas no  
 programa.

Oliveira (2005) problematiza o caráter teleológico assumido pela tradição científico-  
 pedagógica nas práticas de formação. Em sua pesquisa junto a um movimento social,  
 discute as possibilidades de

250 se pensar uma poética da formação. Pela observância de aspectos que passam  
 despercebidos, tidos talvez como insignificantes, marcados pela fragilidade,  
 ou mesmo, não dantes considerados, no cotidiano das práticas, pelas políticas  
 de formação e pela tradição pedagógica. (p. 66)

Não se trata aqui de menosprezar a formação inicial, que muitas vezes está imbuída por  
 255 exigências puramente práticas, que precisam ser assimiladas celeremente e que  
 produzam efeitos imediatos, mas de compreender que outros processos, em outros  
 tempos e espaços, podem contribuir para uma formação mais ampla.



Walter Benjamin (1994) analisa que na modernidade vivemos atropelados pelo excesso de informações e por sua fugacidade, “[...] é como se estivéssemos privados de uma  
260 faculdade que nos parecia inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”  
(p.115). Que inviabiliza o que ele chama de experiência, que é isto que se acumula, se  
prolonga sem pressa, se desdobra e integra o sujeito num coletivo que, ao estabelecer  
trocas, permite ir consolidando saberes que o desloca da condição do já conhecido,  
aprimorando sua experiência no mundo.

265 Para nós, o FEJA/ES constituiu-se, em muitos momentos, como lugar fecundo da  
experiência, no sentido benjaminiano, de formação, à medida que possibilitava um  
espaço de reflexão e narração, sobre diferentes elementos da nossa condição de  
aprendentes, de professores da EJA e de militantes. Ao narrar, nesse espaço, as nossas  
faltas e potencialidades, criávamos condições e espaços de aprendizagem que nos  
270 permitiam sedimentar saberes/fazeres que foram constituindo em nós, marcas  
identitárias que nos constituem como sujeitos da EJA. Nesse contexto, o conhecimento  
é obtido a partir de uma experiência coletiva que alarga a nossa identidade, nossa  
sensibilidade e nossa condição humana.

## 275 **Considerações Finais**

O movimento do FEJA/ES tem se apresentado como um espaço profícuo de formação e  
de resistência às políticas que não dialogam com o direito de jovens e adultos à  
educação. A participação dos diversos atores sociais e os embates travados por esses  
sujeitos tem nos mostrado que, somente a partir das ações coletivas é possível  
280 empreender mudanças nos rumos das políticas de EJA, revertendo o quadro cada vez  
mais acirrado de exclusão e desigualdade social, retratado pelos números cada vez mais  
crescentes de analfabetismo absoluto no Brasil.

Enquanto sujeitos intrincados nesse processo, e reconhecendo o Fórum de EJA como  
um movimento social, que concebe a educação na perspectiva da ação transformadora,  
285 fazemos deslocamentos que nos possibilitam resistir, construir, reconstruir, criar  
caminhos e “modos de fazer” que reinventam e que constituem novas formas de  
resistência.

Ao narramos os itinerários de formação que percorremos dentro do FEJA//ES, nos colocamos como sujeitos que foram conquistados pela EJA, que foram se construindo  
 290 profissionais da educação mediante a ação e a reflexão proporcionadas pelas lutas travadas na dinâmica do FEJA/ES.

A experiência, como um elemento presente nos processos de formação, vivenciados no coletivo do Fórum de EJA nos refaz e dá sentido, permanentemente à nossa ação-reflexão-ação. Essa experiência, como no sentido descrito por Larrosa (2002) como  
 295 sendo o que nos passa, que nos acontece e o que nos toca e que, portanto, passa a nos constituir como sujeitos militantes e atuantes na EJA.

A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é periri, que se encontra também em periculum, perigo. A raizindo-européia é per, com a qual se relaciona antes  
 300 de tudo a idéia de travessia, e secundariamente a idéia de prova. (p. 25)

Enquanto sujeitos dessa experiência nos expomos, fazendo percursos indeterminados e até perigosos, “pondo-se nele a prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião” (Idem, p.25). É nessa perspectiva que somos tomadas pela “*paixão*” que nos conduz à luta diária pelo reconhecimento da EJA como uma política de direito.

305 Insistimos na importância de fortalecer o movimento dos Fóruns de EJA, como espaço que se constitui ocupando as “brechas” e criando canais de participação política na sociedade civil para definição de novos rumos para a educação de jovens e adultos. E certamente, alentamos a esperança e o sonho possível de uma sociedade em que a educação, numa perspectiva de educação transformadora, que de fato, se fundamente na  
 310 ação livre e consciente dos homens e mulheres organizados. É nessa perspectiva que lutamos e enquanto lutamos nos formamos e transformamos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

315 DANTAS, Aline Cristina L. **Fóruns de EJA: mobilização na luta pelo direito à educação de jovens e adultos.** Anais do 17º Congresso de Leitura do Brasil. 20 a 24 de julho de 2009. Campinas, SP. Disponível em: [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes anteriores/anais17/txtcompletos/sem02/COLE\\_1739.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem02/COLE_1739.pdf). Acesso em: 21/05/2014.

- 320 \_\_\_\_\_.**Fóruns de Educação de Jovens e Adultos:** movimentos em defesa de direitos e políticas públicas para a educação de jovens e adultos. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação)Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. Niterói, RJ, 2010.
- 325 GIROUX, Henry. **Teoria Crítica e Resistência em Educação:** para além das teorias de reprodução. Trad. Angela Maria B. Biaggio. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- GOHN, Maria da Gloria. **Movimentos sociais na contemporaneidade.** Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011. p. 333-513
- 330 LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação. nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.
- PAIVA. Jane. **Tramando concepções e sentidos para redizer o direito à educação de jovens e adultos.**In: *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v.11, n.33,p.516-566, Set./dez., 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 21 maio de 2014.
- 335 \_\_\_\_\_ . Desafios à LDB: Educação de Jovens e Adultos para um novo século. In: **Múltiplas leituras da nova LDB.** Org. ALVES, Nilda. Rio de Janeiro: Dunya Editora, 1999.
- 340 OLIVEIRA, Edna Castro de. **Os processos de formação na educação de jovens e adultos:** a “panha” dos girassóis da experiência no PRONERA MST/ES. 2005. 174 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. Niterói, RJ, 2005.
- 345 OLIVEIRA, Rosiska Darcy de.; OLIVEIRA, Miguel Darcy. **A reinvenção da educação:** os movimentos sociais como contexto educativo. In: FREIRE, Paulo, et al. *Vivendo e aprendendo: experiências do IDAC em educação popular.* Brasiliense: São Paulo, 1980.